

A dor como fenômeno psicanalítico em Freud

Andrea Giovannetti

Freud diferenciava o afeto doloroso do trauma, da angústia, do desprazer e do luto. A autora recoloca a questão das diferenças entre estes fenômenos, à luz das noções de *corpo* e de *realidade*.

Quando falamos em dor, nem os mais empedernidos dentre nós ousam alegar jamais tê-la sentido. É, sem dúvida, uma experiência humana universal. Basta um momento a mais de consideração, entretanto, para que se nos apresente a dúvida sobre a que tipo de dor nos referimos, se física ou psíquica. Aparentemente simples, a questão é traiçoeira, pois se uma martelada no polegar não se confunde com determinadas vivências de sofrimento psíquico, do ponto de vista da clínica psicanalítica e mesmo da prática médica, freqüentemente, tal distinção não é tão claramente realizável. É como se a dor se constituísse como sensação de impossível continência, seja pelo corpo seja pelo psiquismo, invadindo, pulsando, arrasando qualquer barreira...

Este seu aspecto de extravasamento lhe confere um *status* privilegiado como possibilidade conceitual em nossa disciplina, uma vez que instaura de chofre a premência de analisarmos as indagações que lhe temos dirigido, não as respostas que temos obtido. Explicam-nos: indiferente às categorias acadêmico-didáticas, a experiência dolorosa aguda ou duradoura insiste em provocar curtos-circuitos, desafiando qualquer forma de compreensão estanque. Exige trabalho elaborativo tanto daquele que a sofre quanto daqueles que sobre ela se debruçam. Impõe a necessidade de desdobramentos

Andrea Giovannetti é psicóloga, psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae, professora de psicanálise e mestranda em psicologia social pelo Instituto de Psicologia da USP.

A noção de um sofrimento psíquico distinto da angústia, ou menos genérico que o desprazer, não é, via de regra, considerada.

conceituais que lhe restituam, no campo do conhecimento formal, o lugar de destaque que sempre lhe pertenceu no cotidiano da humanidade. Assim, acreditamos que perguntar sobre a dor possa instrumentalizar-nos a articular uma compreensão alternativa das polaridades tão rara e arduamente reunidas em teorizações que as superem no universo das ciências, a saber, psíquico/físico, eu/outro, sujeito/objeto, realidade psíquica/realidade material.

Surpreendeu-nos, portanto, que, numa pesquisa preliminar a partir deste recorte teórico, pouquíssimos tenham sido os artigos ou livros a ele dedicados na literatura psicanalítica e que, como comentou André Green, o assunto tenha mesmo sido recusado como tema de mesa redonda de um congresso da IPA, o “XXX Congresso Internacional em Jerusalém”, em 1977, que versou sobre “Depressão e outros Afetos Dolorosos”. Também o intercâmbio com colegas em discussões clínicas jamais enveredou por aí: a noção de um sofrimento psíquico distinto de angústia, de luto ou menos genérico que o

desprazer não é, via de regra, considerada. Por quê?

Que pensamos nós, psicanalistas em exercício, sobre isto? Como compreendemos o sofrimento psíquico? A dor é um afeto? Se o for, faz sentido diferenciá-la de outros afetos desagradáveis como a angústia, o desprazer, o luto? Refletir sobre a especificidade da dor anuncia conseqüências epistemológicas que arpejam certos setores mais tradicionalistas da psicanálise?

Para esboçar algumas respostas a estas questões rastreamos o termo em Freud, que sempre se interessou pelo tema, considerando-o um enigma, embora pouco tenha teorizado a respeito do problema específico implicado na existência da dor física e psíquica. Compilamos, também, as contribuições de alguns autores pós-freudianos, com os quais tivemos a oportunidade de melhor acompanhar certos contrastes e de rumar em direção a nossa meta, aqui apenas mencionada, que consiste em discutir a possibilidade e o interesse da delimitação de um conceito psicanalítico de dor e de suas repercussões mais imediatas.

Da medicina à psicanálise

A referência à dor aparece logo cedo nos escritos freudianos, mas cede lugar à angústia e só retorna à cena bem mais tarde, caracterizando, para alguns, o esboço de uma teoria original, portanto acompanhemos seu desenrolar. No “Projeto”, Freud dá uma explicação quantitativa da dor, descrevendo-a como um fenômeno de fracasso da organização biológica da tela que tem por função manter longe dos sistemas as quantidades Q para que possam ser descarregadas. A dor é tomada aqui como uma irrupção que extravasa a tela, tal qual uma brecha, uma perfuração dotada de uma qualidade especial que se manifesta junto com o desprazer, ocorrendo, em seguida, uma descarga, no interior do corpo, deste investimento tão exagerado. A idéia de dor-ruptura pressupõe a existência de fronteiras: fronteiras do corpo, fronteiras do eu.

Por outro lado, ainda que Freud fale de uma *quantidade* causadora, parece-nos importante destacar a noção de *qualidade* que faz com que Freud distinga a dor, claramente, do desprazer. Isto é, como destaca Pontalis, a bipolaridade apresentada não é entre prazer e desprazer, mas entre prazer-desprazer e dor, experiência de satisfação e experiência de dor. Como diz o autor francês, “há aí um dualismo no mínimo tão fundamental quanto os dualismos pulsionais ulteriores, um antagonismo ainda mais interessante porque se inscreve no corpo, nas experiências corporais elementares e irrecusáveis”¹.

Paralelamente, cabe mencionar que, como a liberação de desprazer pode ser extremamente grande em momentos de dor, mesmo na simples lembrança da experiência, Freud concluiu que a dor deixa atrás de si facilidades especialmente abundantes. A transmissão da dor funde os dois sistemas sem dificul-

dades, já que esse aumento exacerbado de quantidade transforma em dor todos os estímulos sensoriais quando se intensifica.

Toda vez, pois, que uma grande quantidade de excitação ocorre, provoca dor, o que não se dá apenas pelo reinvestimento de uma lembrança, que produziria um estado de desprazer e tendência à descarga, configurações semelhantes à experiência da dor, mas que prescindem da fundamental *quantidade Q irruptora*. Freud chama essa reprodução (lembrança) de *afeto*.

Nessa mesma época, no “Rascunho G”, a menção ao excesso de excitação que entrava toda a atividade de ligação, mesmo no processo primário, criando um excesso esvaziante, retira-nos, segundo Pontalis do registro econômico mais geral da teoria da angústia, ou seja, o do aumento e diminuição de tensões: estamos no domínio do desbordamento.

Temos até esse momento o escrutínio da dor física, função de uma quantidade e geradora de um afeto de qualidade particular. Qualquer intuição mais elaborada acerca deste entranhamento corporal cede terreno ao interesse de Freud por outros temas prioritários para as construções eminentemente psíquicas das neuroses.

Em “Repressão”, Freud retorna ao tema da dor física para melhor delimitar aquele mecanismo de defesa: “pode acontecer que algum estímulo externo seja internalizado - corroendo e destruindo, por exemplo, algum órgão corpóreo - de modo que surja uma nova fonte de excitação constante e de aumento de tensão. Assim, o estímulo adquire uma similaridade de longo alcance com uma pulsão. Sabemos que um caso desse tipo é experimentado por nós como dor. A finalidade dessa pseudopulsão, no entanto, consiste simplesmente na cessação da mudança no órgão e do desprazer que lhe é correlato. Não

há outro prazer direto a ser alcançado pela cessação da dor. Além disso, a dor é imperativa; as únicas coisas diante das quais ela pode ceder são a eliminação por algum agente tóxico ou a influência da distração mental.”²

Freud refere-se à produção contínua de excitação de origem corporal da dor e da qual não nos pode-

tematizá-lo novamente em favor do princípio do prazer-desprazer, como veremos na seqüência.

A dor é vinculada ao prazer a propósito do sadismo e do masoquismo em *Instintos e suas Vicissitudes*, onde Freud destaca que, ao lado da finalidade geral da pulsão sádica, alinha-se aquela de infligir dor (física), dominar e humilhar (so-

Tanto no sadismo quanto no masoquismo, não é a dor em si que é fruída, mas a excitação sexual correspondente.

mos furtar, fazendo-a equivaler a uma (falsa) pulsão. Além disso, traça uma distinção importante quanto ao trauma, que guarda semelhança com a dor no aspecto de irrupção, mas que não possui seu caráter de excitação continuada. Por último, a referência à distração mental traz à baila o papel do psíquico sem que sua ligação com o processo seja esclarecida: como é que a distração mental pode atenuar a dor física? Nosso autor não avança conjecturas. Talvez coubesse perguntar pelo conceito de corpo utilizado aqui. O corpo erógeno/sexual dará conta de toda a subversão fantasiosa operada na realidade, inclusive a corporal, operando uma verdadeira ruptura epistemológica. Mas e o “corpo doloroso?” Freud abdica de

frimento psíquico). Ele afirma que embora não seja esta a meta original da pulsão, uma vez transformada em masoquismo, a dor presta-se bastante bem a produzir uma finalidade masoquista passiva, e acredita que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e proporcionam uma condição agradável, em nome da qual o próprio sujeito experimentará, de boa vontade, o desprazer da dor. Tanto no sadismo quanto no masoquismo, lembra Freud, não é a dor em si que é fruída, mas a excitação sexual correspondente.

Permanecemos ainda no domínio da dor física, com a diferença de que agora ela é capaz de provocar outro afeto que não apenas o

sofrimento psíquico, mas o prazer de origem sexual. Os afetos desagradáveis a que podemos referirmo-nos até o presente são, essencialmente, o genérico desprazer, a angústia e o medo. Quanto à declaração de que não é a dor física que é fruída mas a excitação sexual concomitante, sublinhamos a possibilidade de já vir aí prenunciada uma possibilidade de inscrição corporal da pulsão de morte.

É em “Luto e Melancolia” que a dor surge como psíquica, ligada à perda do objeto, sendo o desinvestimento do objeto perdido acompanhado de sofrimento pela dificuldade que experimenta o ego em destacar-se do objeto em questão e, também, pelo ódio contra o objeto, ódio que retorna ao ego. Freud dirá que as tendências sádicas voltadas sobre a própria pessoa explicam as torturas que o melancólico se inflige, ao mesmo tempo que se castiga por vingar-se de seus objetos originais e por torturar aqueles que ama. Nomeia, assim, a disposição do luto como dolorosa. O melancólico troca o conflito com o objeto por um conflito no ego e esse age como uma *ferida dolorosa* que exige um contra-investimento extraordinariamente elevado. Se a dor física é um atentado à integridade biológica, a dor psíquica, devida à perda do objeto, seria um atentado à substância psíquica, gerando uma ferida narcísica.

Jean Guillaumin³ remete-nos novamente, a esse propósito, ao “Rascunho G”, onde Freud avança a hipótese de que a melancolia seja um *luto* provocado por uma perda de libido. Freud aponta, aí, que os efeitos da melancolia são: a inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e respectivo *sofrimento*. Quando ocorre uma grande perda de quantidade de excitação, é como se o terreno psíquico cedesse, isto é, há uma retração do psiquismo para dentro com solidariedade das formações contíguas. Esta necessidade de perda de excitação por

empobrecimento é dolorosa. Freud fala numa *hemorragia interna* como quando há uma *ferida*, uma lesão. Ele mesmo aponta neste trecho o paralelo que realiza com a descrição da dor física. Esses desenvolvimentos antecedem de muitos anos

uma *grande ambivalência* para com o objeto amado e perdido, sendo que essa perda não precisa ser real, bastando que instigue a ambivalência. Parte do ódio intenso apresentado como constitutivo do melancólico, retorna sobre ele mesmo

O melancólico troca
o conflito com o objeto por um
conflito no ego e esse age como uma
ferida dolorosa, exigindo um
contra-investimento.

as idéias acima apresentadas em “Luto e Melancolia”, onde ele reafirma, como vimos, a disposição do luto como dolorosa, atribuída à necessidade de abandono de uma posição libidinal (enquanto reação à perda do objeto amado), mesmo que já haja um substituto em vista. Por que, no entanto, essa transigência, pela qual o domínio da realidade se faz fragmentariamente, deva ser tão extraordinariamente penosa de forma alguma é coisa fácil de explicar em termos de economia. As pistas sobre as quais Freud constrói as diferenças entre os dois quadros podem ser assim descritas: na melancolia, há *uma insistente comunicabilidade* que não condiz com o que sente alguém que experimenta remorso genuíno; intensifica-se também a manifestação de

da maneira sádica como atacaria o objeto, isto é, identificatoriamente (refúgio na identificação narcísica), internalizando o conflito. A característica narcísica do melancólico responde, neste momento, pelos ataques ao ego, pois a original escolha de objeto narcísica determina que, no retorno do investimento objetal sobre o ego, este seja tratado como o objeto e assim odiado. O ego mostra-se empobrecido. Pontalis afirma que a dor sempre esteve presente nas articulações freudianas em forma de oco, de vazio estruturante, sobretudo nos desenvolvimentos acerca do narcisismo. Cremos que o que acabamos de descrever illustre algo do que ele possivelmente pretendia significar com tal comentário.

A comparação com o trauma ressurgiu em *Além do Princípio do Prazer*, onde Freud retoma a noção quantitativa da dor já esboçada anteriormente no "Projeto". O trauma é descrito como uma ruptura da barreira de contato ou escudo protetor por excitações muito poderosas provindas de fora, ruptura *extensa*, enquanto a dor (física) diz respeito a uma ruptura semelhante, só que numa área *limitada*. Como é que reagimos psiquicamente a esse estado de coisas que, normalmente, só é gerado internamente (pulsão)? Através de uma convocação maciça de investimentos dos arredores da irrupção. Esse contra-investimento de grandes proporções empobrece os outros sistemas psíquicos e as outras funções são paralisadas ou reduzidas. Freud convida-nos a estender o modelo à metapsicologia ao propor que quando um sistema é altamente investido, torna-se capaz de receber um influxo adicional de energia nova e ligada. É essa sucção adjacente que explica para Freud a paralisia decorrente da dor, acrescentando ele que as descargas correlatas são reflexas, isto é, sem intervenção do aparelho psíquico. Compreenderemos reflexas por irrefletidas pelo psiquismo, conseqüentemente, corporais? Um corpo reflexivo encarregado de cuidar do psiquismo?

O que sabemos é que até este ponto, os recursos utilizados por Freud para dar conta do sofrimento psíquico apoiavam-se, como vimos, na transposição de um modelo físico da dor para o funcionamento psíquico, com a exceção, talvez, digamos da noção de *pseudopulsão*, que nos faz vislumbrar uma fugaz tentativa de abordar esta terra de ninguém. A partir de *Além do Princípio do Prazer*, contudo entra em cena a pulsão de morte, que permitirá a introdução deste novo elemento na questão da dor psíquica. Outra vez uma noção de excesso incontido pelo princípio de

desprazer-prazer que se poderia inferir ser dor?

Freud insiste no caráter premente das sensações de desprazer, fazendo referência à origem simultaneamente interna e externa da dor. É o que nos mostra Litz Gutieres-Green⁴ ao remeter-nos a um trecho do *Ego* e o *Id* onde ele declara que o sofrimento é algo intermediário entre a percepção externa e a interna, mesmo quando sua fonte se encontra no mundo externo. Paralelamente, somos lembrados pela autora que a reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa, ambos estudados no ensaio de 1923, desenvolvem-se de maneira a manter o sofrimento psíquico, preferido ao risco de uma mudança desconhecida. O aparelho psíquico da segunda tópica, continua Gutieres-Green, ajuda-nos a compreender a

zonas intermediárias, estas áreas de fronteira e de imbricação.

Com a introdução do "Problema Econômico do Masoquismo", ocorre uma reviravolta na questão do desprazer, pois com a derrubada do princípio do prazer como guardião da vida psíquica e a instalação do desprazer como um fim em si mesmo e não apenas como sinal de alarme, Freud reavalia suas idéias anteriores. O necessário reconhecimento de que há prazeres gerados por elevação de tensão, tal como o sexual, bascula a noção exclusivamente quantitativa, remete ao aspecto do ritmo, mencionado em 1920 e exige a referência à distinção *qualitativa*. Em determinadas circunstâncias a dor é investida libidinalmente, provocando prazer sexual (masoquismo erógeno). Em outras, o sofrimento advém da satis-

Com a introdução do
"Problema econômico do
masoquismo" ocorre
uma reviravolta na questão do
desprazer, pois com a
derrubada do princípio do prazer,
como guardião
da vida psíquica, instala-se o
desprazer como um fim
em si mesmo.

relação do sofrimento psíquico com a existência da pulsão de destruição no id, com a parte inconsciente do ego, no que diz respeito a suas defesas arcaicas e com a crueldade do superego. A tentativa de compreender a dor empurra-nos para estas

fação das exigências do sentimento de culpa do superego cruel (masoquismo moral), gerando prazer de outra instância, possibilidade restrita ao aparecimento da segunda tópica. Além do prazer, dor.

Verificamos finalmente, que, há

de fato um momento no "Adendo C" de *Inibição, Sintoma e Angústia*, em que Freud distingue uma dor psíquica verdadeiramente diferente de outros afetos desagradáveis, no caso, do luto e da angústia. Acompanhemos seu texto: "[...] a angústia vem a ser uma reação ao

compreensão da existência de três afetos distintos. Mais adiante, ele toma como exemplo a reação de um bebê que confrontado com um estranho não apenas se angustia, mas sente dor também, pois não sabe atribuir à ausência da mãe um caráter temporário. Notemos que não

te na periferia (pele ou órgão interno) irrompe através dos dispositivos do escudo protetor; a estimulação é continuada, como a pulsional, e não há o que o corpo por si só possa fazer para impedi-la. Experiências corporais deste tipo são vividas pela criança independentemente de suas experiências de contato com um outro e não implicam a perda de objeto. O uso corrente da mesma palavra - dor - que faz equivaler físico e psíquico não será gratuito, repara o próprio Freud. O ponto de analogia que subsiste, diz ele, reside no fato de que em ambas ocorre um *sobreinvestimento*, na primeira, da parte do corpo que emite a dor, na segunda, do *anseio* pelo objeto ausente. Criam-se, pois, as mesmas condições econômicas. A natureza contínua do processo de investimento e a impossibilidade de inibi-lo (idéia de pseudopulsão) produzem o mesmo estado de desamparo mental. Se o sentimento de desprazer que então surge tem o caráter específico de dor (um caráter que não pode ser descrito mais exatamente) em vez de manifestar-se na forma reativa de angústia, Freud o atribui ao *alto nível* de investimento e vinculação que predomina enquanto ocorrem esses processos que conduzem a um sentimento de desprazer.

Freud distingue, pois, dor psíquica de desprazer por seu caráter específico e de angústia, pelo alto nível de investimentos ligados da primeira, mas também porque esta é uma reação frente ao perigo pela perda do objeto, enquanto aquela é uma reação frente à perda real. Já quanto à distinção frente ao luto, Freud assinalará a existência do *teste de realidade*, pois o luto exige da pessoa desolada que ela própria deva separar-se do objeto, visto que ele não mais existe. Percebemos, contudo, que o luto fala, se assim pudermos descrever, de uma tarefa, portanto finita, de elaboração da perda em questão, enquanto a dor

Freud caracteriza a dor como uma reação diretamente ligada à perda do objeto, enquanto a angústia é uma reação ao perigo que essa perda acarreta.

perigo de uma perda do objeto. Agora já conhecemos uma reação à perda de um objeto, que é o luto. A questão portanto é: quando essa perda conduz à angústia e quando ao luto? Ao examinar o assunto do luto em ocasião anterior constatei que havia uma característica dele que continuava absolutamente sem explicação. Isto era seu estado de dor peculiar. E contudo parece evidente por si mesmo que a separação de um objeto deva ser dolorosa. Assim o problema torna-se mais complicado: quando a separação de um objeto produz angústia, quando produz luto e quando produz, talvez, somente dor?"⁵ Não poderia haver demarcação mais clara de sua

fala em luto pela perda da mãe, fala em dor e a relaciona com desespero. A criança terá de *aprender, deconstruir*, após inúmeras ocasiões em que recuperará a mãe a possibilidade de não se desesperar frente a sua ausência. A situação é traumática.

Freud caracteriza a dor como uma reação diretamente ligada à perda do objeto, enquanto a angústia é uma reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento posterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto. Em seguida o texto reúne os parcos conhecimentos acumulados sobre a dor física até o momento: ela ocorre sempre que um estímulo inciden-

se reporta a uma experiência pseudopulsional, no que isso pode evocar-nos a *exigência contínua*, a princípio infinita, de trabalho psíquico. Acreditamos, ainda, que a aproximação feita por Freud do afeto da angústia remete-nos ao caráter de ausência de representação precisa na mesma, reservando-se a aproximação ao afeto do luto ao ângulo do alto teor de investimentos.

Finalmente, em *Mal-Estar na Civilização*, Freud retorna à origem corporal da dor, só que agora da dor psíquica ao dizer que todo sofrimento nada mais é do que uma sensação que só existe enquanto a sentimos, fato que só se dá por causa de certas disposições de nosso *corpo*. Veremos na seqüência que implicações podemos derivar desta última e fecunda observação freudiana diretamente a respeito de nosso tema.

A realidade de um corpo doloroso

A questão do corpo é ampla e delicada, norteadora de vários eixos na obra do mestre, mas sobre a qual não caberia discorrer nos limites deste escrito. Demarcaremos apenas algumas balizas que nos parecem essenciais. A primeira delas é que os desenvolvimentos relativos ao corpo erógeno não acompanharam, como vimos acima, aqueles referentes a algo que poderíamos chamar de “corpo doloroso”. A construção de um conceito de corpo específico da Psicanálise dependeu do trabalho de afastamento do corpo anatômico e da construção do conceito de sexualidade, como nos ensina Liana Albernaz de M. Bastos em seu recente livro, cujo prefácio de Joel Birman é esclarecedor: “O estatuto do corpo em psicanálise não se identifica nem com o conceito de organismo, nem tampouco com o de somático [...] Assim, ao enunciar que o sujeito em psicaná-

A representação da dor física constitui um afeto de qualidade particular, chamado de sensação, e é psiquicamente distinta daquela do desprazer, que consiste no reinvestimento de uma lembrança.

lise tem um corpo não estou me referindo ao organismo, bem entendido, objeto do discurso da biologia e das ciências da vida. Nem estou evocando, com isso, também a ordem do somático, maneira pela qual a medicina costuma se referir ao registro da vida. Afirmar, pois, que o sujeito tem um corpo, implica dizer que aquele é encorpado, numa funcionalidade e organicidade inextrincáveis. Evidencia-se com isso, então, que não se poderia dizer rigorosamente que o sujeito tem um corpo, mas que ele é um corpo.”⁶

Não obstante, ao acompanharmos o texto freudiano, percebemos que uma obra em confecção não podia ter tanta clareza sobre si mesma e as oscilações entremostram-se. Freud, então, precipita-se inicialmente no uso do modelo fisiológico para analisar a dor: sua maior dificuldade está em explicar sua enigmática economia psíquica. É assim que, nos primórdios de seus escritos, ele a faz equivaler ao trauma, igualmente portador da faceta disruptiva, lacerante. Dis-

ruptiva de quê? Lacerante de quê? Tela, escudo, barreira, ruptura, brecha, limites, fronteiras: todas palavras que nos remetem a uma diferença. Há um físico e um psíquico que se tocam de maneira obscura, enigmática.

A idéia de um afeto de qualidade particular surge no texto do “Projeto” e parece dividir os afetos entre aqueles que possuem e os que não possuem apoio na realidade material. A representação da dor física constitui um afeto de qualidade particular, chamado de sensação e é psiquicamente distinta daquela do desprazer (distinção qualitativa): o desprazer consiste no reinvestimento de uma lembrança, ou seja, estritamente processo mental, enquanto a dor física exige a presença de uma *quantidade Q irruptora*, ou seja, de um suporte material, opondo-se aí afeto e sensação.

Segundo Mezan, não importava por qual lado Freud retorcesse sua teoria, a questão da experiência de dor não se prestava a uma solução fácil. Foi necessário que o conceito de psicologia fosse altera-

do, ele “deixou de conotar as vicissitudes do investimento neuronal e passou a designar o que podemos saber do *aparelho psíquico*.”⁷ Acreditamos ser esta justamente a riqueza do fenômeno da dor que faz mister rever os enquadres teóricos dentro dos quais pensamos e Freud, como sabemos, não se furtou a isso em várias ocasiões.

Em 1915, a dor física é equiparada à pulsão, pelo que depre-

mas também evoca a angústia por instar à produção de sentidos, por insistir em expressar-se. Esta é a maneira obscura e enigmática, que mencionávamos há pouco pela qual, físico e psíquico se tocam em Freud: pela pulsão. Que até este momento elas sejam sexuais ou de autoconservação e, por conseguinte, não abarquem a dor explicitamente, não importa. Segundo Pontalis, o texto sobre o narcisismo

que solicita a geração de sentidos de inscrição carnal, isto é, simetricamente dotadas de corpo.

O conceito de luto enceta novos paralelismos entre dor e trauma, dor e desprazer: o objeto perdido passa a ser fonte geradora de sofrimento psíquico. Se for duradouro, Freud o atribuirá a uma disposição *dolorosa* com a internalização do conflito com o objeto que é substituído por um conflito no ego: ferida narcísica, hemorragia libidinal interna, luto patológico; as metáforas são eloqüentemente corporais. Freud se pergunta sobre por que esse domínio da realidade (elaboração da perda do objeto) se faz tão fragmentária e penosamente e entrevê razões econômicas. Mais desconcertante ainda é o fato de que a perda do objeto não precisa ser *real*. Se estendermos nossa hipótese anterior, poderíamos compreender que uma leitura correlata ou alternativa àquela da internalização do conflito com o objeto do luto seria supor a exteriorização da dor, que encontra na perda vivida um suporte compartilhado (por outros corpos), para expressar-se. Que esta partilha se dê real ou imaginariamente é um ponto interessante e o último que merecerá nossa atenção nestes comentários.

Aportamos, desta feita, no segundo conceito axial para nossa discussão: o estatuto da realidade na obra freudiana. Não há como debater o conceito de dor sem nos referirmos ao corpo, assim como não há como falar em corpo sem considerar sua dimensão específica de irredutibilidade representacional, o que nos leva ao conceito de realidade. Evidentemente, não nos podemos embrenhar neste tema que, de novo, em muito ultrapassa os limites desta proposta, mas alguns destaques impõem-se.

O conceito de realidade não é complexo apenas na obra freudiana. Em nossa opinião, ele é um divisor de águas na psicanálise como um

Nossa hipótese é de que
o corpo psicanalítico não é o biológico,
nem o somático,
nem tampouco o estritamente sexual;
temos elementos para falar de
um corpo pulsional perceptivo-expressivo.

endemos do texto freudiano por suas características quanto à fonte corporal, e excitação ininterrupta, associada à pressão, mas também por sua característica de exigência de cessação, que pensamos poder equivaler à finalidade pulsional, que é a supressão do estado de tensão. A experiência de dor diferencia-se, por conseguinte, da pulsão pelo aspecto do objeto para atingir sua finalidade, que é precisamente a faceta ligada à representação. Nesta apreensão, a dor distingue-se do trauma pela origem interna e contínuo tensionamento da primeira,

de 1914, por exemplo, parece mesmo ter sido escrito sob este signo sem, contudo, o revelar: o eu-dor já se insinuava, o eu-corpo, impõe-se gradativamente. Nossa hipótese é de que se o corpo psicanalítico não é o biológico, nem o somático, como observou Birman, não sendo tampouco o estritamente sexual, como temos seguido com Freud, sem ainda termos alcançado o corpo pulsional da pulsão de morte, já temos, porém elementos para falar em um corpo pulsional perceptivo-expressivo, um corpo-psique que estrutura o mundo ao percebê-lo e

O conceito de realidade
é um divisor de águas na psicanálise,
e o modo como os psicanalistas
lidam com ele,
determina práticas
radicalmente diferentes, clínicas
antípodas.

todo. O modo como os psicanalistas lidam com ele, muitas e muitas vezes sem o saber, determina práticas radicalmente diferentes, clínicas antípodas. Daí, refletir acerca desta questão constitui tarefa da qual nenhum profissional se deveria omitir.

O estudo realizado por Coelho Jr. segue com rigor as concepções que perpassam os escritos de Freud a este respeito: do pensamento mais comprometido com os critérios empírico-objetivistas das ciências positivas à abertura para a comunicação poética entre subjetividade e realidade. Não há como restringir suas posições a uma caracterização fechada sem prejuízo para a compreensão de cada recorte teórico. Assim é que concordamos com o autor quando diz que “cada afirmação sobre a noção de realidade na obra de Freud deve ser considerada a partir do conjunto em que está inserida”.⁸

Em nosso contexto atual, importa, pois, verificar as relações entre percepção e realidade. Como vimos no “Projeto”, a percepção é

tomada como propiciando acesso objetivo e verdadeiro à realidade externa e, por conseguinte, oposta à ilusão. A percepção seria capaz de representar psíquicamente a realidade tal qual ela é, cabendo à memória a preservação intacta de tal representação. A *realidade*, concebida como verdade histórica cognoscível e objetiva, apresenta dificuldades incontornáveis, e, implicaria, em última instância, a possibilidade - e talvez a necessidade - de distinguir uma dor com substrato físico de uma dor meramente psíquica. Este tipo de pensamento instaura, como bem o sabemos, uma clínica da arbitragem, onde a primazia cabe à determinação da autenticidade e veracidade da experiência subjetiva e de sua concomitante correção, mais do que à eficácia terapêutica do campo transferencial. Tal corolário certamente não passou despercebido por Freud, cujas articulações jamais carecem de complexidade e quanto mais o conceito de inconsciente ganhava em definição, menos a realidade permanecia externa e substantiva. Para tentar re-

solver este paradoxo, Freud postula a noção de *realidade psíquica*, instituindo dois novos campos de verdade: o da realidade externa, histórica ou material, como também era chamada, e à qual temos acesso através da consciência e o da realidade psíquica, da qual só temos notícia pelas manifestações do inconsciente, servindo a primeira de apoio para a segunda. Não demora muito, entretanto, para repararmos que o problema em estabelecer como se dão as relações entre estas duas esferas permanece e que só uma investigação mais acurada dos processos perceptivos garantiria uma teorização menos dicotômica.

Freud tinha várias outras questões como ordem do dia e não se dedicou ao assunto. No entanto, acostumados que estamos com às oscilações de um grande pensamento em exercício, sabemos que ele não se dá linearmente em progressão. Em 1930, quando Freud remete ao corpo todos os sentimentos experimentados pelo homem indicamos uma abertura diferente, talvez, se lhe sobrasse mais tempo...

À tona novamente

Voltemos, então, às indagações que sustentávamos no início deste texto para averiguar se persistem ou se modificaram ao longo do trajeto percorrido.

Em primeiro lugar, passamos a compreender por que uma agremiação tão numerosa de psicanalistas aceita excluir um debate sobre a dor de sua pauta: certa leitura ortodoxa de Freud não encontra nele teorização suficiente para autorizar uma reflexão legítima. Leitura ortodoxa e apressada, como tivemos a oportunidade de verificar, pois Freud legou-nos ampla margem de questionamento e as múltiplas aberturas que acabamos de expor. Atribuíamos ao corporativismo ou ao desconhecimento a recusa em con-

Que Freud entendeu a dor
como um afeto,
já o estabelecemos a partir da leitura
do "Projeto". Sua distinção de
outros afetos desagradáveis
realizou-se longa e sinuosamente, porém
de maneira efetiva.

siderar seriamente a questão.

Quanto às outras dúvidas que abriram este estudo, sintetizemos alguns dos encaminhamentos possíveis. Que Freud entendeu a dor como um afeto já o estabelecemos a partir da leitura do "Projeto". Sua distinção de outros afetos desagradáveis realizou-se longa e sinuosamente, porém de maneira efetiva: há dor psíquica e ela não se confunde com o desprazer, com o trauma, com a angústia ou com o luto. Circunscrevê-la como conceito é mais difícil, mas factível; há que se fazer referência à irrupção, ao despreparo, ao desespero, à incontinência, ao pulso constante, à incomunicabilidade, à irrepresentabilidade. As relações de tal estado com vivências narcísicas, que têm sido muito descritas na clínica contemporânea, deixaremos em suspenso até que possamos apresentar os resultados de nossa pesquisa, ora em andamento, sobre os autores pós-freudianos. É evidente, contudo, que já estaríamos justificadas em antecipá-las. No que concerne ao

interesse de se realizar um contraste como este e inaugurar um novo conceito, acreditamos fazer parte da tradição de certa psicanálise desde Freud, isto é, da tradição de, a partir da experiência clínica, elaborar constructos teóricos crescentes em abrangência descritiva com expressão intuitivo de refinar nossa escuta, assim apurando a eficácia terapêutica do método psicanalítico.

Finalmente, quanto às implicações da ordem da explicitação epistemológica de conceitos subjacentes a qualquer tipo de teorização em nosso campo, tais como *realidade, corpo e percepção*, temos observado significativo empenho de certos colegas, alguns dos quais citamos brevemente, em escrever a respeito, empenho que compartilhamos. A dimensão ontológica da experiência vivida da dor que aos poucos foi-se delineando fez-nos perceber que a descrição minuciosa, de ambição metapsicológica, afastou-nos do fenômeno, ao invés de aproximá-lo, mas disto só nos demos conta de-

pois do trabalho feito. Compreendemos, *a posteriori*, que o esforço a realizar não está em traçar distinções precisas, em demarcar mais nitidamente as fronteiras, submen-tendo-nos ao canto de sereia da ciência objetivista, mas justamente em saber obscurecer suficientemente bem os contornos para que novas categorias se destaquem. Cremos que a obra freudiana já rendeu o que podia a este respeito. Depois de certa confusão entre figura e fundo, começaram a esboçar-se para nós outras categorias como dignas de investigação a propósito da dor. Manteve-se seu caráter primordial de experiência a ser pesquisada, embora nos tenhamos gradativamente convencido, de que cabe abordá-la a partir de ângulos ainda inexplorados. ■

NOTAS

1. J. B. Pontalis, *Entre le rêve et la douleur*, Paris, Gallimard, 1977, p. 257.
2. S. Freud, "A Repressão" (1915), Rio de Janeiro, Imago, Ed. Standard Brasileira, vol. p. 169, cotejada com *Die Freud-Studienausgabe*, Frankfurt, Fischer Verlag, 1975, p. 107.
3. J. Guillaumin, "L'objet de la perte dans la pensée de Freud", *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 1, 1989, p. 297-397.
4. L. Gutierrez-Geen, "La douleur", *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 4, 1992, p. 1167-1180.
5. S. Freud, *Imibição, Sintoma e Angústia*, Imago, p. 194; *Studienausgabe*, p. 306.
6. L.A.M. Bastos, *Eu-Corpendo. O Ego e o Corpo em Freud*, São Paulo, Escuta, 1998, p. 13.
7. R. Mezan, *Freud: A Trama dos Conceitos*, São Paulo, Perspectiva, 1982, p. 46.
8. N. Coelho Jr., *A Força da Realidade na Clínica Freudiana*, São Paulo, Escuta 995, p. 102.